

nara roesler

expo chicago online

8–12 de abril, 2021

sweet spontaneous earth

brígida baltar, alberto baraya,
paulo bruscky, cristina canale,
marcos chaves, isaac julien,
karin lambrecht, vik muniz,
tomie ohtake, marcelo silveira,
amelia toledo, cássio vasconcellos



Nara Roesler tem o prazer de apresentar ***Sweet Spontaneous Earth*** na presente edição da **EXPO CHGO ONLINE**. A seleção de trabalhos tem como inspiração um poema de E.E. Cummings e se debruça sobre a natureza enquanto força em constante evolução, simultaneamente indecifrável e indomável. Como o poeta norte-americano astutamente sugeriu, a humanidade tenta compreender a natureza desde o início de nossa existência, apenas para encontrar sua resposta periódica: a primavera. Talvez seja a resposta da natureza à nossa inquietação comum e implacável, obrigando-nos a enfrentar e ser engolfados pela primavera, como um ardil útil para aplacar nosso desejo e nos obrigar a desacelerar em sua grandeza, parar e observar, ouvir, respirar. As obras aqui apresentadas, coincidem no esforço de captar e contemplar o espanto, o momento em que ofegamos perante a natureza avassaladora da Terra.

visite nosso estande online

brígida baltar





Em uma árvore, em uma tarde tem suas imagens extraídas de um curta-metragem de mesmo nome que justapõe o contraste entre espaço urbano e natureza. A imagem capta a artista sentada em uma árvore lendo um livro como se estivesse isolada do intenso movimento das ruas que, por sua vez, parece ignorar ou simplesmente não identificar sua presença. O trânsito de carros, ônibus e caminhões assume o papel de paisagem, tomando o segundo plano, enquanto suas ações entrelaçadas às delicadas flores desabrochadas oferecem uma pausa, uma espécie de fábula em meio a uma cidade caótica. Seus movimentos transmitem uma placidez que parece resistir à velocidade enervante das ruas abaixo dela, como se pedisse um momento de pausa e reflexão sobre o ambiente e suas origens. A artista põe em primeiro plano um contraste entre duas realidades coexistentes, mas que parecem funcionar de forma independente, ignorando-se e esquecendo-se, obrigando o espectador a contemplar o fato delas estarem inextricavelmente ligadas e serem dependentes uma da outra.

Brígida Baltar
Em uma árvore em uma tarde, 2001
foto-ação
edição de 3
27 x 39 cm





Brígida Baltar
Feminino, 1994
armário e terra
190 x 90 x 70 cm





alberto baraya

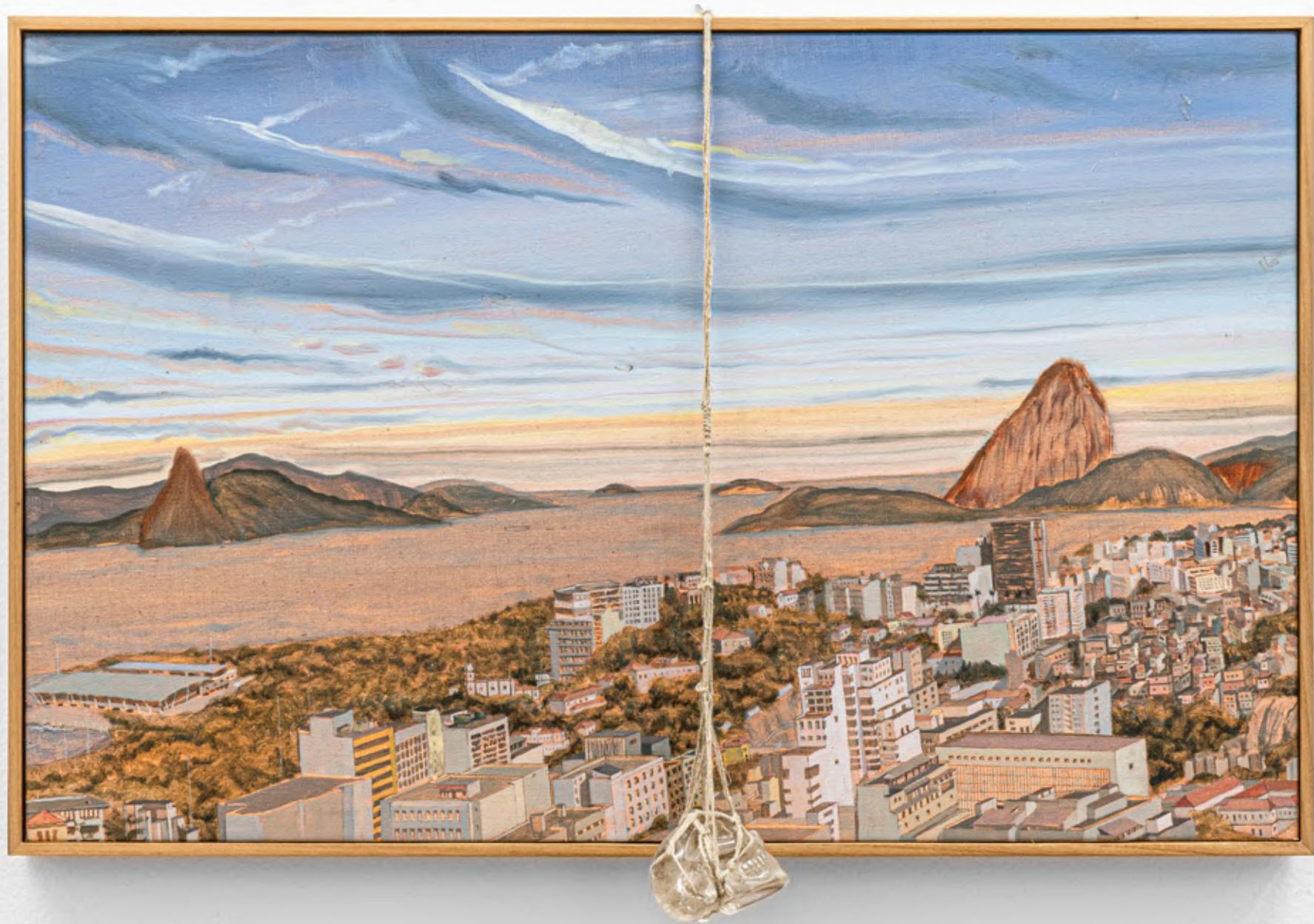




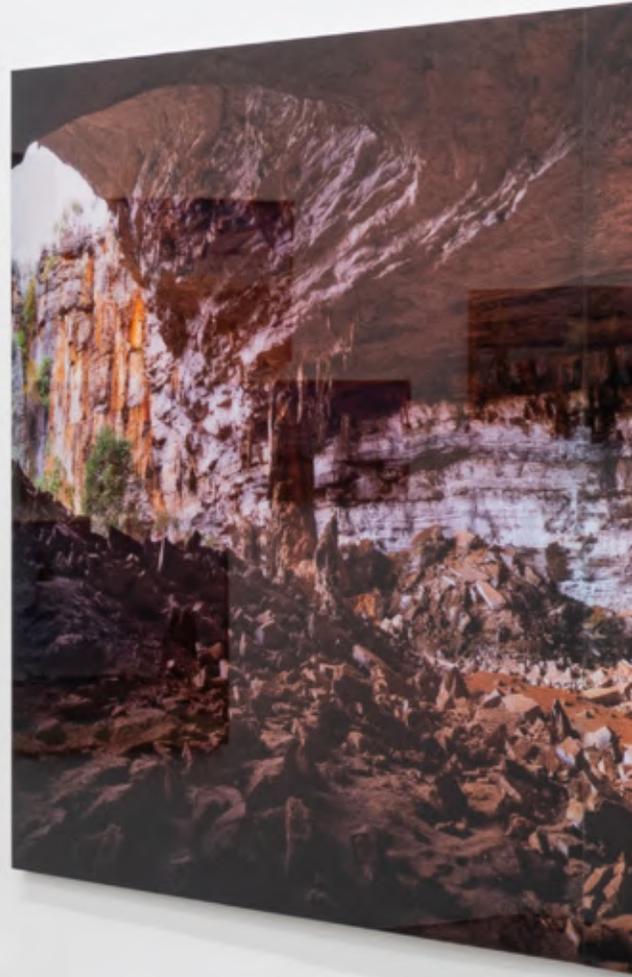
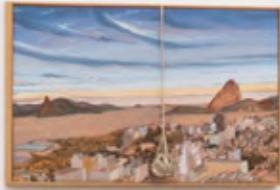
Ambas pinturas integram o conjunto de trabalhos de Alberto Baraya que parte do anseio de se registrar as características de um território, assim como documentar a experiência de descoberta da paisagem. A série é derivada principalmente da tradição de viajantes e residentes, de capturar os perfis das cidades, produzindo pinturas panorâmicas. As obras incorporam técnicas artísticas tradicionais da representação de paisagens como meio de contemplar o espaço, apreender elementos icônicos da cidade e traduzi-los para a tela – tornando-se, portanto, objetos a serem observados, contemplados, recolhidos e talvez também reinterpretados. Seguindo os princípios da tradição artística, Alberto Baraya produziu uma série de trabalhos engajados com tais imagens e iconografia como forma de desenvolver suas próprias investigações sobre os fenômenos sociais. A paisagem, a flora e a fauna, portanto, servem como o meio pelo qual o artista explora questões relativas a migração, exotismo e interpretação.

Alberto Baraya
Macaco con Caracol gigante africano
(*Callithrix jacchus con Achatina fulica*), 2018
tinta acrílica sobre tela
40 x 50 cm





Alberto Baraya
Rio desde Parque de las ruinas, 2018
tinta óleo sobre tela, pedra e corda
55 x 66 cm



paulo bruscky



Paulo Bruscky é um dos artistas brasileiros mais prolíficos e inventivos de sua geração e da atualidade. Desde a década de 1970, ele vem realizando uma série de experimentações que vão desde ações em espaços públicos a anúncios em jornais, passando por instalações a vídeos, entre outros. Sua participação no movimento da Arte Postal foi de importante relevância histórica e recebeu grande reconhecimento por revelar a capacidade de sua prática em cruzar fronteiras e estabelecer diálogos com artistas em diferentes locais, em especial com os do grupo Fluxus. Paisagem com chuva surgiu após uma enchente no estúdio do artista, devido às fortes tempestades sazonais em Recife. A chuva encharcou, transformando suas obras e de outros artistas que estavam arquivadas em seu estúdio, incluindo uma fotografia de Evgen Bavcar. Bruscky alega que “o surgimento dessas obras transformou minha tristeza em alegria. Minha intervenção passou a ser sobre aproveitar o destino, que sempre foi uma parte importante do meu trabalho e trajetória.”



Paulo Bruscky e Evgen Bavcar
Paisagem com chuva, 1973 / 2016
água de chuva sobre papel
25 x 36 cm



"PAISAGEM COM CHUVA"

EUGEN DAVLAR E PAULO BRUCKY

ADRIANO/13/2016
ALB. BONDY RELIFE



cristina canale





Queda, de Cristina Canale, inscreve-se na série de pinturas de paisagem que a artista vem realizando desde 1987. Esse conjunto de trabalhos caracteriza-se pelo uso fluido de tinta e solventes em um esforço para capturar o que ela descreveu como a fenomenologia da pintura. Canale dispõe a tinta sobre a tela, deixando-a escorrer espontaneamente por toda sua superfície. Com isso, ela dá às suas composições fluidez e organicidade que emergia do movimento natural da tinta e, assim, evocam a natureza indefinida, em constante mutação e, talvez, acidental das paisagens. Nas palavras da artista, durante esse tempo seu trabalho “tornou-se progressivamente mais suave até me levar a paisagens mais líquidas: cruces tornaram-se ilhas, por exemplo, e círculos, ondas do mar. Cheguei a um mundo cheio de água, mares, rios, lagoas, rodeado de montanhas e ilhas, [...] cenários de pinturas renascentistas e do Rio de Janeiro, claro. Assim que cheguei às paisagens, respirei com mais liberdade; Consegui liberar cor e matéria.”

Cristina Canale
Queda, 1990
técnica mista sobre tela
250 x 115 cm





marcos chaves



Chaves muitas vezes faz dos elementos banais do quotidiano o tema das suas peças, de forma a realçar o extraordinário que pode habitar no nosso dia-a-dia. Seus trabalhos canalizam observações perspicazes e espirituosas sobre a vida ordinária, capturando a ironia, a excentricidade e o absurdo que muitas vezes residem nos detalhes que podem passar despercebidos.

Cristais 1 faz parte de um conjunto de trabalhos de Marco Chaves que constitui parte importante da sua produção recente. Na série, o artista compõe uma imagem da paisagem “de forma a preservar a perspectiva tradicional, mas, ao mesmo tempo, articulando-a em partes isoladas que podem ter vida própria, cada uma sendo em si uma ‘janela para o mundo’”, nas palavras da curadora Ligia Canongia.



Marcos Chaves
Cristais 1, 2016
impressão digital sobre seda
edição de 5 + 2 PA
190 x 230 cm





isaac julien



Lina Bo Bardi's Footsteps é um trabalho fotográfico que advém da produção do icônico filme de Isaac Julien intitulado *Stones Against Diamonds*, cuja inspiração provém de uma carta da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi. Ao longo do filme, Julien faz uso de trechos e dos principais temas da carta em que Bo Bardi elogia a superior beleza das pedras semipreciosas sobre as preciosas, como diamantes. *Stones Against Diamonds* foi filmado durante cinco dias na remota região de Vatnajökull, em Austurland, no sudeste da Islândia, dentro de cavernas glaciais nas quais a atriz Vanessa Myrie – uma espécie de guia espiritual – leva o espectador

de uma paisagem a outra. Ao longo do filme e através das obras fotográficas, Julien fez referência a elementos que constituem a assinatura da obra de Bo Bardi, incluindo reproduções dos icônicos cavaletes de vidro e concreto elaborados para o MASP, assim como uma escada em espiral escavada no gelo. Especificamente, *Stones Against Diamonds* e *Lina Bo Bardi's Footsteps* se lançam na tarefa de retratar e enfatizar como alguns dos mais belos elementos da natureza podem ser os menos preciosos, no sentido convencional e socialmente construído do termo.

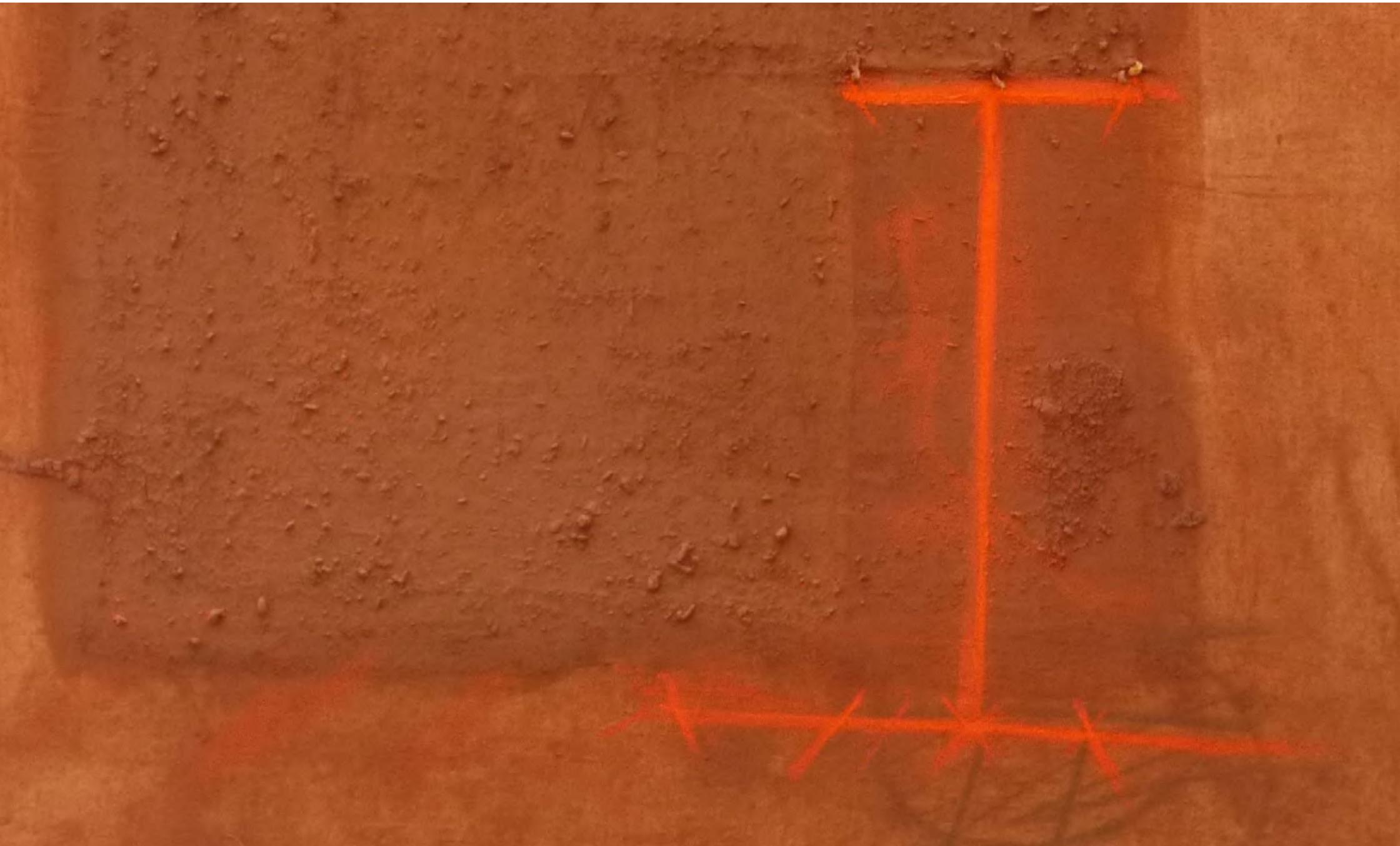
Isaac Julien
Lina Bo Bardi's Footsteps
(*Stones against diamonds series*
/ *A marvellous entanglement*), 2016
fotografia em papel Endura Ultra
edição de 6 + 1 PA
2 peças de 180 x 245,1 cm (cada)

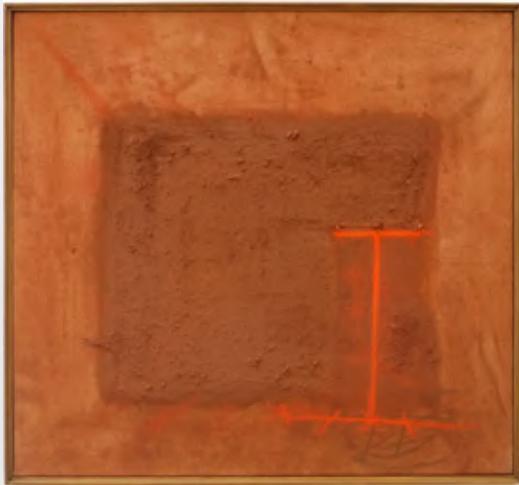






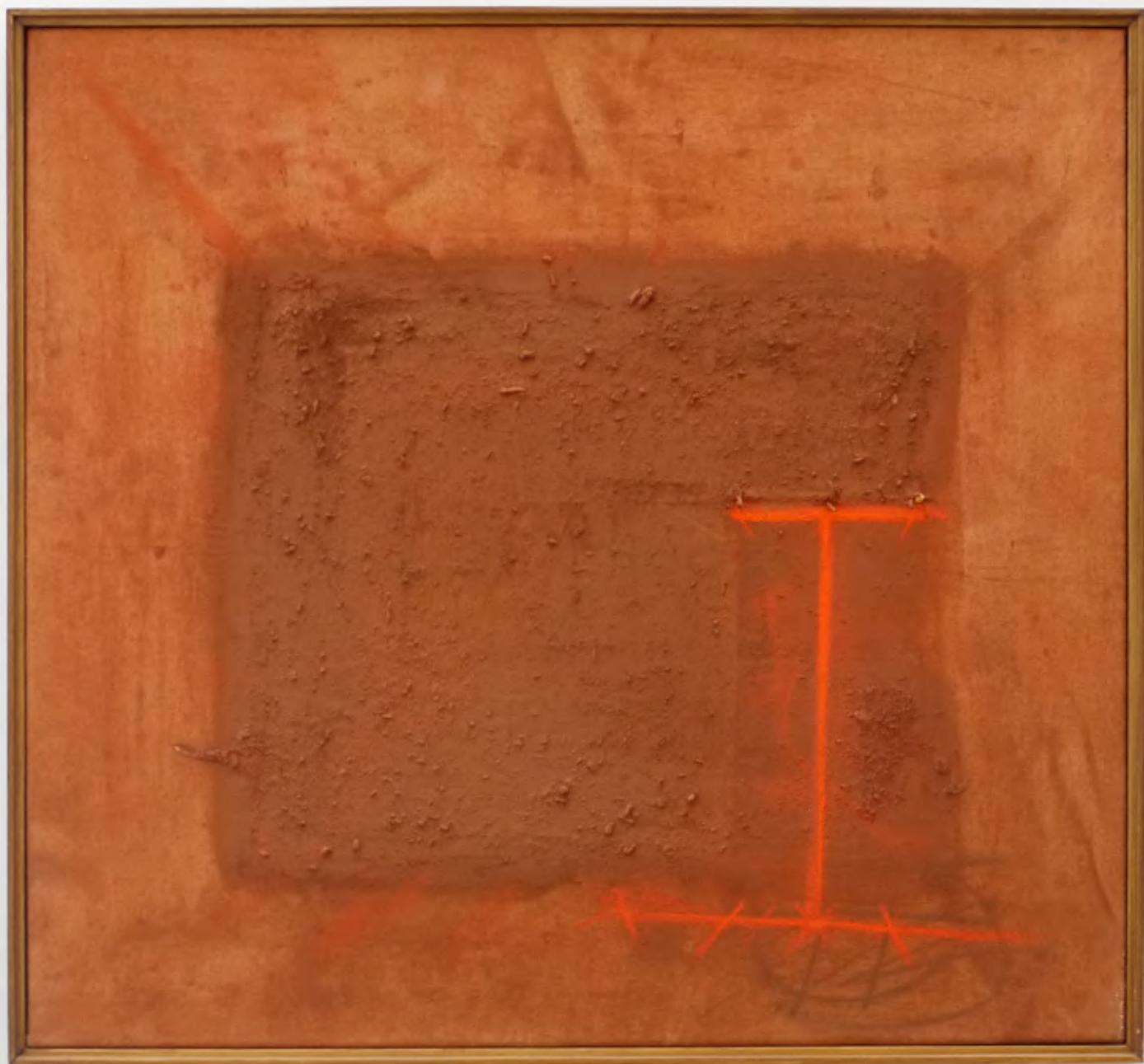
karin lambrecht





Nas obras mais recentes de Karin Lambrecht percebe-se o estreitamento da relação entre sua pintura e o ambiente natural. Nas palavras do curador Agnaldo Farias: “A maioria dos artistas usa os materiais para exprimir suas ideias, Karin faz parte do restrito grupo daqueles que os escuta, sopesa-os, explora-os, sempre buscando juntar sua voz, sua carne, seu pensamento às vozes, carnes e pensamentos deles. E não importa a procedência do material: alguns podem ser comprados em lojas, serem sintéticos, quase virgens, resultado de alguma química inescrutável, e outros carregados de histórias pretéritas, como as terras que ela extrai de seu jardim para transformar nos pigmentos que posteriormente aplica em pinturas e desenhos; há, por fim, aqueles que têm sua origem no acaso, como o sangue do corte no seu dedo manejando o estilete e que ela incorporou com tranquilidade no papel que estava cortando.”

Karin Lambrecht
Sem título, 2004
pigmento e terra sobre lona
69 x 75 cm





vik muniz



A série *Earthworks*, de Vik Muniz, surgiu do interesse do artista na natureza paradoxal das obras site-specific criadas por artistas como Robert Smithson, Michael Heizer e Walter de Maria, nas décadas de 1960 e 1970. O artista sentia-se particularmente intrigado com o fato de a maioria dessas obras serem efêmeras e conhecidas apenas por meio de fotografias e desenhos, segundo ele: “Nas imagens de *Earthworks*, uso a terra como uma tela, um suporte, talvez dizendo que não importa como tentamos destilar a materialidade que molda nossa consciência em um ambiente simbólico e lingüístico, o que nos resta é a mesma tela primitiva como o meio comum de fixar e transmitir nosso conhecimento.” Muniz baseou a série *Earthworks* no jogo de escalas e ilusões – por um lado, ele produziu uma série de trabalhos que consistiam em desenhos feitos com solo, variando entre 120 e 180 metros de comprimento e fotografados de um helicóptero. Por outro lado, ele produziu desenhos de aproximadamente trinta centímetros, e também os fotografou de cima. As imagens foram tiradas com a mesma câmera, impressas seguindo a mesma técnica e no mesmo tamanho, dificultando a diferenciação entre as duas versões. Com isso, o artista produziu imagens que revelam a fragilidade da percepção, a facilidade com que ela pode ser manipulada, obrigando-nos a reavaliar o que é aprendido e ensinado por meio da fotografia.



Vik Muniz
Earthworks Brooklyn: Brooklyn, NY
(*Lightning Field*, a partir de
Walter de Maria), 1999/2013
c-print digital
edição de 6 + 4 PA
50,3 x 75,9 cm



Vik Muniz
Earthworks Brooklyn: Brooklyn, NY
(Amarillo Ramp, a partir de Smithson),
1999/2013
c-print digital
edição de 6 + 4 PA
50 x 78,5 cm





tomie ohtake





Sem título, de Tomie Ohtake, é parte de um corpo de trabalho produzido na década de 1990 e frequentemente chamado de *Pinturas Cóslicas*. As obras caracterizam-se pela evocação formal de nuvens, vapores, nebulosas, massas estelares, galáxias, corpos celestes e a formação do universo, conforme enunciado pelo crítico e curador Frederico Morais. Ele descreve a pincelada do artista como vibrátil, ou como “mais toque que extensão, [que] anula ou mesmo destrói a precisão da linha curva, resultando em formas que se dissipam, envoltas que estão numa matéria gasosa, nublada, nuviosa. E não por acaso, a artista substitui a opacidade corpórea do óleo pelo acrílico que favorece as transparências e veladuras.” Em última análise, *Sem título* demonstra uma tentativa de se distanciar da estrutura geométrica de trabalhos anteriores, permitindo composições mais porosas, não domesticadas e dispersas que dialogam com a espontaneidade das ocorrências naturais e cósmicas.

Tomie Ohtake
Sem título, 1996
tinta óleo sobre tela
200 x 200 cm



Tomie 96.



marcelo silveira



A obra de Marcelo Silveira questiona e desafia categorias consagradas no campo da arte, como escultura, arte popular, artesanato e colecionismo. Suas obras frequentemente partem da ideia de materialidade e de como qualquer coisa pode se tornar um meio para a arte. Destacam-se seu uso de madeira, couro, papel, metal, plástico e vidro, entre muitos outros materiais. A investigação de Silveira também envolve o uso e a finalidade de materiais ou objetos, que ele sugere serem definidos por um repertório comum, socialmente determinado, e podem ser ressignificados pela recriação de formas familiares a partir de materiais inesperados. Em especial, *Pele XVI* oferece-nos o reaproveitamento de peças de madeira na criação de esculturas biomórficas – a funcionalidade tradicional do meio e seus usos passados, portanto, passa a ser substituída por uma alusão quase figurativa à maleabilidade, suavidade e florescimento do orgânico.



Marcelo Silveira
Pele XVI, 2009/2021
madeira cajacatinga, cera de abelha
e pino metálico
edição única
145 x 140 x 55 cm



amelia toledo



A série de esculturas de Amelia Toledo intitulada *Impulso* são parte do envolvimento da artista com rochas, por meio das quais ela investigou as cores, o brilho, a transparência e a forma da carne da Terra. Segundo a artista, “trabalhar com grandes blocos de pedra me envolve e me surpreende. Aprendi que as pedras beneficiam o meio ambiente. Eu convivo com elas no meu dia a dia e partilho esta experiência através da criação. Da gema ao rochedo, faço apenas o mínimo para destacar as qualidades da pedra e orientar o trabalho de adaptação ao espaço.” As pedras são apenas polidas de modo a revelar sua composição interna, as longas fendas são pressionadas umas contra as outras, criando linhas que revelam suas origens milenares e refratam a luz que brilha sobre elas. Em resumo, Toledo extrai partes do interior da terra e as coloca em ambientes escolhidos, estabelecendo um entrelaçamento entre tempo e espaço em que a artista e sua obra fundam territórios de sinergia que florescem à medida que interagem com os elementos naturais e os espectadores que o cercam.



Amelia Toledo
Impulso, 2017
quartzo rosa sobre coluna de concreto
144 x 38 x 30 cm





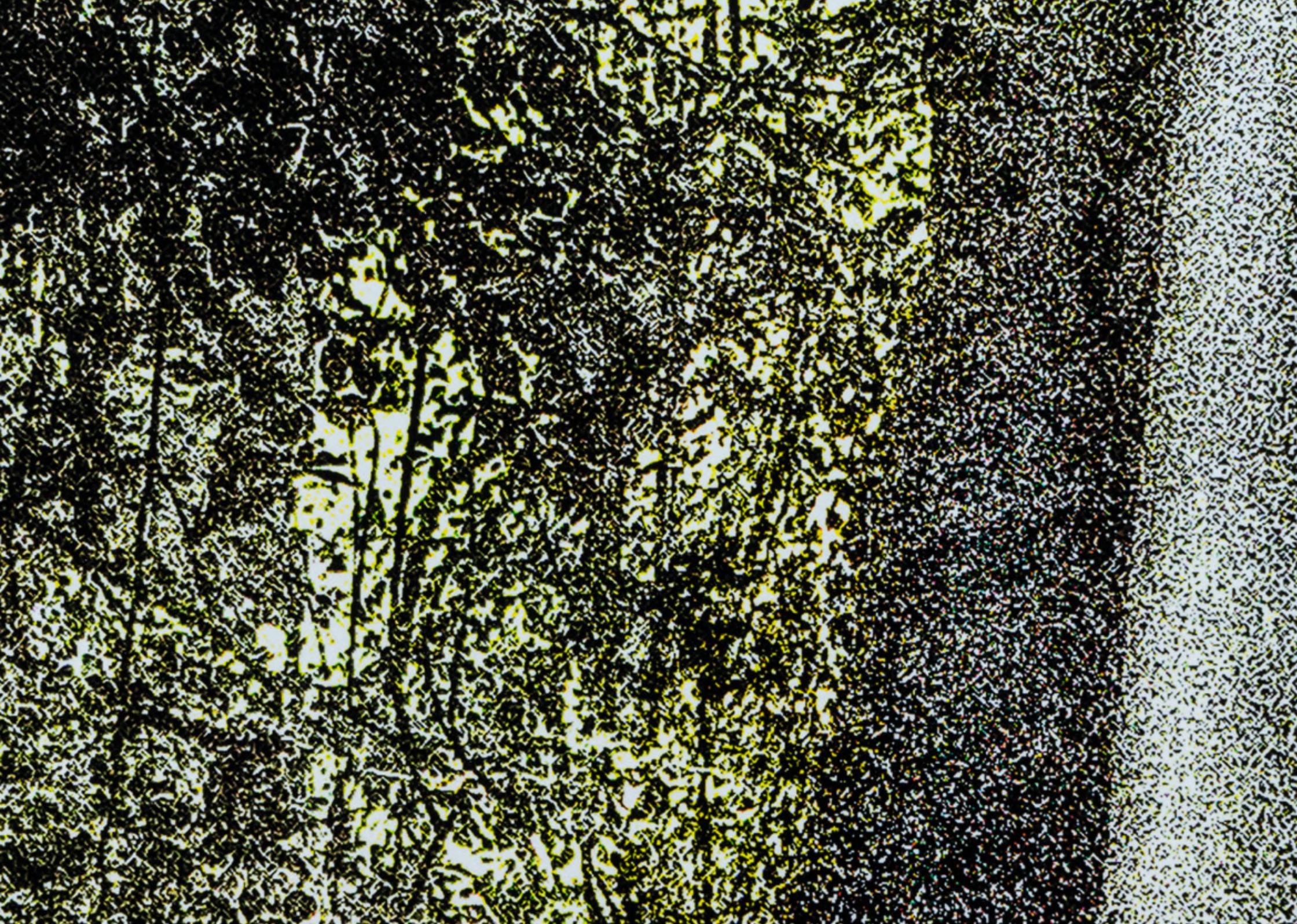
cássio vasconcellos

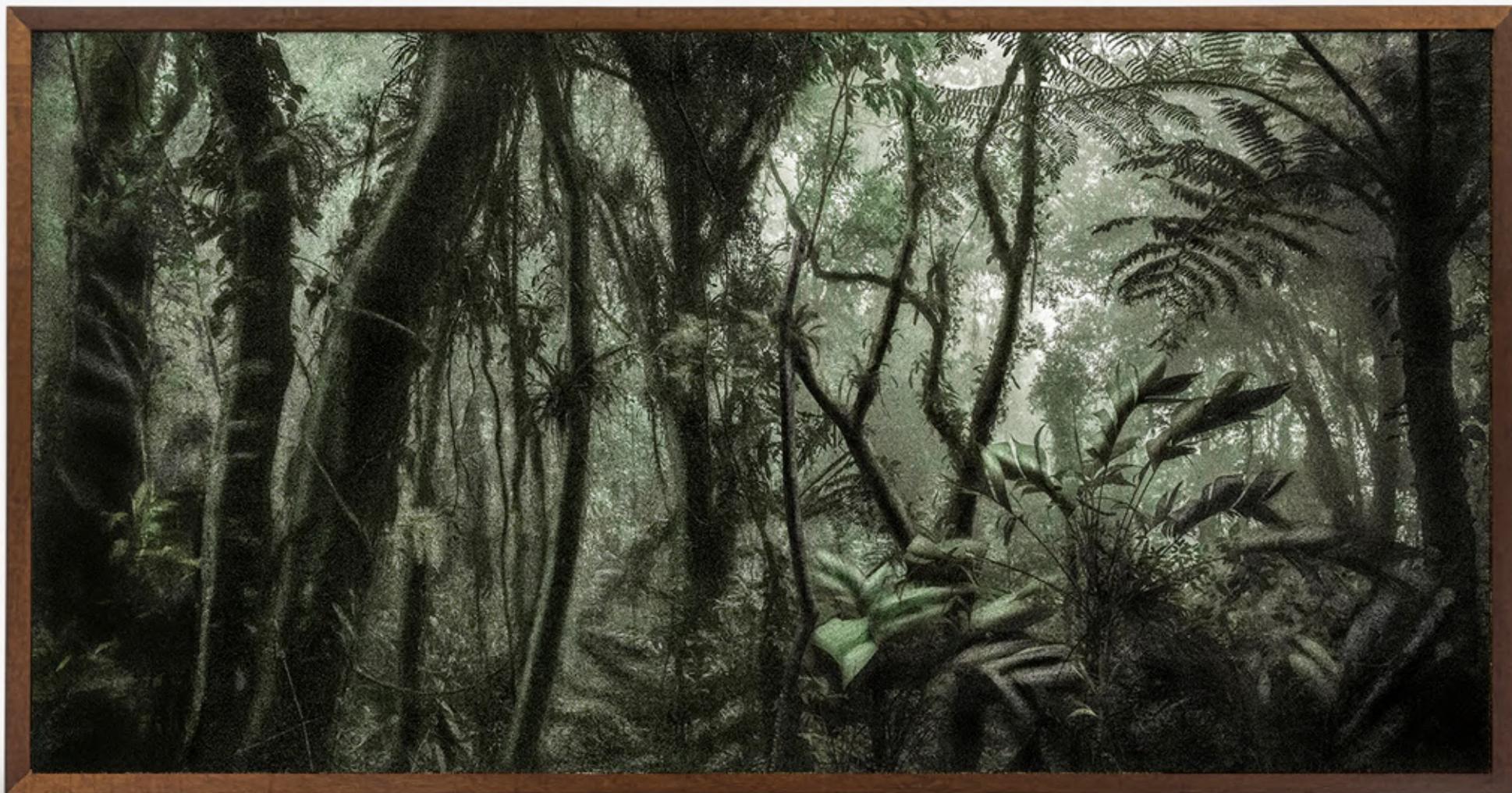


A série *Viagem Pitoresca pelo Brasil* inspira-se nas imagens produzidas por expedições europeias no Brasil durante o século 19. Nessas viagens, artistas e cientistas exploravam, registravam e mapeavam a flora e a fauna do país. Nessa série de fotografias, Cássio Vasconcellos dialoga com esse importante acontecimento histórico, reencenando o trabalho desses exploradores ao se aprofundar nas florestas brasileiras, principalmente na Mata Atlântica. À medida que avançava pelas matas do sudeste do país, Vasconcellos fotografava diferentes cenários, sempre alterando a sensibilidade e a exposição de sua câmera. As imagens foram posteriormente editadas digitalmente para transmitir a mesma atmosfera de densidade e mistério capturada nos registros da época. Desse modo, *Viagem Pitoresca pelo Brasil* estabelece uma relação entre a tecnologia contemporânea e a estética histórica, ao mesmo tempo que nos transmite a natureza intimidante, assustadora e, ao mesmo tempo, fascinante da paisagem brasileira.

Cássio Vasconcellos
Viagem Pitoresca pelo Brasil # 76,
2016
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
edição de 5 + 2 PA
150 x 100 cm







Cássio Vasconcellos
Viagem Pitoresca pelo Brasil # 80,
2016
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
edição de 5 + 2 PA
75 x 150 cm





nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

ny@nararoesler.art